

Contar uma história como deve ser

Crítica Literária

Maria Lúcia Lepecki

Os olhos desviam-se para a esquerda. Ali, como se nascessem do próprio limite do ecrã, dois rostos em primeiro plano o dele, talvez moreno. Logo atrás o dela: e tinha de ser loira para eu a lembrar com tão frágil e inocente beleza. Voz dele: *Tu m'aimes?*; voz dela: *Je t'aime bien*. De novo o rapaz, talvez moreno: *Je ne veux pas que tu m'aimes bien, je veux que tu m'aimes tout court*.

Já não sei que filme foi, nem que história contava. Mas a lembrança da cena que descrevi me acompanhou durante a leitura de *A Lua não Está à Venda*, de Alice Vieira. Porque com os escritores de livros infantis ou juvenis acontece um pouco o mesmo que se passou com o rapaz. Dizemos «é um excelente escritor infantil», «é um notável escritor juvenil». No caso de Alice Vieira, a declaração deve ser outra: é uma notável escritora, *tout court*.

Primorosa na montagem de uma história a que nunca falta um tanto, o bastamos, de *suspense* e emoção. Primorosa ainda no criar de climas afectivos, profundamente humanos, capazes de envolver qualquer um, em qualquer idade. Senhora de uma prosa que segura do princípio ao fim o mais exigente leitor, Alice Vieira é um dos meus poissos preferidos na literatura portuguesa. Disse *poiso* e creio ter dito bem: um lugar onde descansamos e retomamos forças — quantas vezes reconstruindo uma nova meninice, quantas vezes encontrando dimensões outras da nossa maturidade —, um lugar onde apetece estar.

A construção

A Lua não Está à Venda, linda história, que só surpreenderá a quem não estiver habituado à escrita de Alice Vieira, tem uma característica importante: não dá para (re)contar. É a rigorosa situação que José Cardoso Pires punha, talvez há dois anos atrás, numa entrevista. Dizia mais ou menos o seguinte: «Quando um escritor escreve um livro não quer que a história dê para contar, quer que dê para pensar.» Sendo assim o li-

vro que li, vai-se pensar sobre ele.

Diga-se, logo a abrir, que *A Lua não Está à Venda* é construído em acções paralelas (que depois convergem) um pouco como acontece em *Viagem à Roda do Meu Nome*. Assim, um conjunto de capítulos curtos, grafados em itálico, acompanham uma turma do ensino secundário durante uma prova de História.

Em termos de tempo físico, fica o romance limitado em cerca de cinquenta minutos, mais coisa menos coisa: e isso porque a professora concedeu mais o tempinho do intervalo para os meninos terminarem o ponto.

Balizado em cinquenta minutos — a prova começa no primeiro capítulo e termina no último —, *A Lua Não está à Venda* baliza-se também em espaços. O primeiro deles é a sala de aula. Depois aparece o bar — chamado Lua Cheia — onde vão passar, nas várias horas do dia, as mais variadas pessoas. O que não é mais que natural, pois para outra coisa não se fizeram os bares.

Funciona o bar como um espaço de curta duração —, e neste sentido é uma contraface da sala de aula, onde o tempo de permanência é fixo e o tipo de conversas que se têm (as aulas) também o é. De modo que se no bar tudo vai mudando de acordo com as diferentes caras que chegam, na sala de aula vai tudo mais ou menos do mesmo jeito, do início ao fim.

O microcosmos

Mesmo que o meu leitor ainda não conheça o livro de Alice Vieira, já terá percebido que *sala de aula* e *bar* constituem-se como *microcosmos*. Sendo assim o li-



Alice Vieira é uma notável escritora; primorosa na montagem de uma história a que nunca falta «suspense» e emoção

Outros microcosmos físicos, de representação um tanto mais difusa, serão o hospital, o Lua Nova, o prédio onde é porteira a senhora Efigénia.

Ao lado de microcosmos físicos, outros, de natureza psicológica, também comparecem. Dão pelo nome de memória, de devaneio, de projecto. Podem também chamar-se com o nome de medo e de incomunicação.

Muitas memórias trazem, ao tempo do agora — ou dos agora — da narrativa, a presença viva de épocas já passadas. Isso acontece com a professora, na sala de aula, quando se lembra de Dona Mirinha, ou quando evoca uma situação familiar cujos desenlaces haveremos de conhecer no último capítulo. Na pessoa da professora, aliás, a memória toma um sentido superior: será a memória da comunidade, pois ela não lecciona outra matéria senão História...

Deixo de lado outras rememorações, outras longas vidas, e sofridas, contadas em *A Lua não Está à Venda* e transito para o microcosmos do devaneio. Ele é pertença, principalmente, de Dona Estrela, a proprietária do Lua Cheia e se manifesta de duas maneiras. Num devaneio voluntário e cultivado, fuga assumida ao quotidiano, ela sonha acordada com o dia em que há-de conhecer Júlio Iglésias. Ou, pelo menos, telefonar-lhe, que para isso servem as tecnologias.

Em outro devaneio, bloqueado e só aos poucos desvelado ao leitor, a Dona Estrela espera, muito lá no fundo dela mesma, casar-se pela segunda vez.

Os planos

Enquanto a Dona Estrela devaneia (e se lembra, também, do marido), enquanto a professora revê o passado seu (e o do

País ou do mundo, nas aulas que dá), um outro grupo de pessoas projecta.

Há projectos muito nítidos, outros que o são menos: uma menina pensa em fugir de casa, um jovem pensa em casar-se.

São ideias ainda vagas — uma delas se há-de realizar. Outras ideias, planos, aparecem muito concretas. Não é que uma parte daquele grupo de adolescentes que vemos, nos capítulos em itálico, a braços com um exercício escolar, quer também fazer uma estação de rádio? Reunidos no bar da Dona Estrela discutem o empreendimento: e a palavra não é desapropriada, pois até de angariar publicidade — e de imaginar os spots — se vão de encarregando. Uma organização de tal modo bem organizada que até nome a rádio já tem: RDM, leia-se Rádio do Malta. Nem mais.

Não falta projecto de vida também ao proprietário do Lua

Nova. Pode ser este projecto, ou não, logo se verá, interferir na vida de Dona Estrela. Que, entretanto, enquanto projectista não é grande coisa: parece que apenas quer realizar aquilo que o marido, agora já falecido, planeou. Ou talvez não seja bem assim...

Vão andando os planos, e vão-se constituindo memórias, e vão-se desenhando devaneios — que são os planos em princípios irrealizáveis que servem para nos ajudar a ir vivendo — para pessoas particulares e para grupos de pessoas.

Reside aqui um dos pontos — não o único — onde podemos discernir um dos temas básicos de *A Lua não Está à Venda*. Este tema é o da comunicação.

Acho que podemos considerar-lo mais ou menos assim: quando uma personagem, sozinha, projecta, ou devaneia, ou lembra, a sua situação é de isolamento. Quando aquelas «actividades» se fazem em conjunto — e o projecto da rádio pode considerar-se um devaneio conjunto, tal como as conversas de Dona Estrela sobre o defunto marido são memória partilhada — temos uma situação de comunicação.

Diga-se de passagem que os meios isolamentos nunca são absolutos: porque quem se lembra sozinho se reencontra em outro tempo, reencontra do mesmo passo outras pessoas, interferências num percurso individual de vida.

Em contrapartida, e contraface, nem todas as partilhas de projectos ou de sonhos, ou de medos, são comunicações plenas. Serão antes tentativas progressivas, em técnica de ensaio e erro, de como se há-de fazer para chegar ao outro.

Em torno dessas tentativas constrói Alice Vieira uma alargada teia de relações sociais, que são também relações profundamente afectivas. Algumas delas chegam, claras e definitivas, a final feliz. Outras ficam em suspense. De umas e outras saberá o leitor quando ler. Com umas e outras se deliciará o leitor, envolvendo-se emocionalmente como só nos envolvemos quando alguém nos conta, como deve ser, uma história.

Melodias várias com prosa ao fundo

Música

Anabela Martins da Cruz

«E também o vento é vão, dizias, dizias: Que só o crepúsculo é verdadeiro, o crepúsculo dos deuses. Esses, repetes, repetes, na música de Wagner, nos metais espalmados e nas vozes mortíferas de sopranos e barítonos. De Calas morta, viva na sombra fulminada, que respira nos interstícios da percussão sanguínea.» (...)

in «Rodomel Redodendro» de Albano Martins (Quetzal)

(que se perdeu há muito e não se quer voltar a encontrar por teimosia, não é) volta quando ouvimos *Old Man River*, do Si-

natra dos anos quarenta. *Boy! What a Feeling!* Como é possível ter sido tão bom? Escolhas, preferências, ó Deus, como é possível após uma telefonadela (pelas dez horas da noite...) uma pessoa sentir-se tão mal, insegura e fragilizada? O melhor é recorrer ao Jorge Palma e ao seu apelo *Dá-me Lume, Dá-me Lume!*

Não abrir as janelas durante oito dias (ou não apetecer abri-las...) pode ser sintoma de depressão ou de se sentir as asas cortadas pela indiferença de alguém: «...baby is cold outside, diz a canção do Ray Charles.

A pensar no efémero inventamos violinos e ciumentas guitarras, e da terra ardente de Segovia e da terra ardente de Granada. A Espanha de sangue

vivo, as canções de Lorca e os seus imensos olhos negros a lembrar a carícia de uns outros que pairam no tempo, que dói de tanto esperar.

Ritmo da noite, dolente como a voz de Leonard Cohen «em Viena dancei contigo», chegam mais palavras de Albano Martins, poeta com música, ideias de braço dado com melodias, a ouvir Léo Ferré e Brel. *Rodomel Redodendro*, livro cheio de coisas bonitas (de Albano Martins), de amor e de um azul intenso, bonito, inundação de solos de saxofone (Parker), de mel e de dádivas, promessas por consumir no tempo que se esgota nos sentidos: «E voltarás ao sótão para colher o fruto proibido ali guardado e que não soubeste alcançar então.»



«E nada mais dirás. Que tudo, como ouvistes, silêncio. Escuta. Dorme.»